
Laura Bellini
Não fale comigo como se eu fosse uma visita
A casa dele fica cada vez mais acolhedora.
O coração dela, cada vez mais inquieto.

Não fale comigo como se eu fosse uma visita

A casa dele fica cada vez mais acolhedora. O coração dela, cada vez mais inquieto.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902028

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4

Capítulo 1 - Condições que não foram colocadas no papel 12

Capítulo 2 - Um lugar à mesa 24

Capítulo 3 - A água sempre encontra seu caminho 36

Capítulo 4 - Aquilo que não aparece na planta 46

Capítulo 5 - O direito de dizer não 56

Capítulo 6 - A proximidade que escolhemos 67

Capítulo 7 - Um lugar à mesa, mas não nas decisões..... 77

Capítulo 8 - Fora da casa dele..... 89

Capítulo 9 - O preço da confiança 100

Capítulo 10 - Quando a casa deixa de estar vazia..... 110

Capítulo 11 - As coisas que permanecem depois da noite 120

Capítulo 12 - Decisões tomadas em nome dos dois..... 131

Capítulo 13 - Os limites da responsabilidade..... 141

Capítulo 14 - A verdade que um beijo não resolve.....154

Capítulo 15 - A casa onde ninguém perguntou minha opinião 165

Capítulo 16 - O silêncio depois que a porta se fechou 178

Capítulo 17 - O que não podemos consertar pelo outro.....190

Capítulo 18 - O lugar que escolhemos juntos 200

Capítulo 19 - Não basta abrir a porta.....210

Capítulo 20 - Duas casas, um lugar para nós..... 220

INTRO

A primeira coisa que percebi foi o cheiro de madeira molhada. A segunda foi a porta aberta da casa, embora o proprietário tivesse pedido expressamente que eu tocasse a campainha antes de entrar.

Eu estava parada no caminho de pedras, com uma pasta de projetos debaixo do braço, observando a construção branca cujas paredes já haviam adquirido, em alguns pontos, a tonalidade de marfim envelhecido. Atrás da casa se estendia um jardim. Pelo menos era assim que aquela parte do terreno aparecia na documentação. Na realidade, tratava-se de um emaranhado de árvores que haviam crescido espontaneamente, arbustos abandonados e capim que há muito deixara de respeitar qualquer limite.

Eu tinha cinquenta e um anos, meu próprio escritório de paisagismo, dois relacionamentos fracassados no passado e experiência suficiente para saber que a melhor maneira de conhecer a casa de outra pessoa era manter uma distância profissional.

Naquela manhã, eu queria, acima de tudo, uma coisa: conseguir um trabalho que me permitisse recusar tranquilamente mais uma proposta de colaboração com um grande escritório de arquitetura em Varsóvia. Não precisava de um sócio, de um chefe nem de alguém que me explicasse como administrar minha própria empresa. Precisava de um bom projeto, uma remuneração justa e um pouco de paz.

Peguei o celular. Havia chegado sete minutos antes do horário combinado.

— Bom dia? — chamei da entrada.

Ouvi, vindo do interior da casa, o ruído de uma ferramenta sendo deixada sobre alguma superfície. Pouco depois, apareceu um homem com as mangas da camisa de linho arregaçadas. Tinha cabelos começando a ficar grisalhos, o maxilar bem marcado e aquela espécie de autoconfiança tranquila que inspirava confiança em algumas pessoas e, em outras, despertava imediatamente a vontade de contrariá-lo.

Em mim, despertou as duas reações.

— Senhora Król?

— Bożena Król. Marcamos às dez.

Ele olhou para o relógio e depois para mim.

— Ainda faltam sete minutos.

— Eu sei. Posso esperar.

— Não há necessidade. Zbigniew Ptak.

Estendeu a mão. Seu aperto era quente e firme, mas não parecia tentar provar nada com ele. Só quando retirei minha mão percebi um pequeno arranhão perto de seu pulso.

— O senhor está trabalhando na reforma? — perguntei.

— Se eu dissesse que apenas supervisiono, estaria mentindo. Entre, por favor.

O interior era surpreendentemente acolhedor. Uma velha mesa de madeira, peças de cerâmica, livros espalhados pelos peitoris largos das janelas e uma estufa de azulejos junto à qual secavam dois pares de luvas de trabalho. Não havia ali a elegância fria que eu costumava encontrar nas casas preparadas para sessões fotográficas. Alguém realmente morava naquele lugar, cometia pequenos erros e não se preocupava em escondê-los das visitas.

— Café? — perguntou.

— Primeiro, o jardim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— A senhora sempre começa recusando as ofertas?

— Só quando alguém me oferece café em vez de mostrar o lugar cujo projeto vai pagar para eu fazer.

Ele soltou uma risada breve, sem demonstrar qualquer ofensa.

— Muito bem. O jardim.

Conduziu-me pela sala até as portas de vidro. Quando saímos para o terraço, vi que o terreno descia suavemente em direção a um antigo muro de pedra calcária. Mais adiante, entre as copas das árvores, era possível distinguir o vale do rio Vístula. O ar ainda carregava a umidade da chuva noturna, e a luz do outono revelava no jardim abandonado tonalidades que nenhuma fotografia enviada por e-mail conseguiria reproduzir.

Enxerguei imediatamente as possibilidades. Um caminho poderia descrever uma curva suave até um banco de pedra. As velhas macieiras mereciam ser preservadas. Junto à parede sul, haveria espaço para um canteiro de plantas perenes que não precisassem de cuidados diários.

Abri minha pasta e retirei um esboço preparado com base na planta do terreno.

— Minha ideia inicial era preservar a maior parte das árvores existentes. Aqui podemos recuperar a vista sem derrubar tudo. E nesta parte...

— Ali vai ficar um terraço.

Olhei para ele.

— Que terraço?

— Um maior. De madeira. Gostaria que avançasse até depois daquela macieira.

— Nesse caso, será necessário removê-la.

— Eu sei.

Dei alguns passos na direção da árvore. O tronco era inclinado, a casca estava rachada, mas os galhos pareciam saudáveis. Apanhei uma das pequenas maçãs caídas no chão.

— Quantos anos ela tem?

— Não sei. Talvez sessenta.

— E o senhor quer derrubá-la por alguns metros a mais de tábuas?

— Quero poder me sentar à noite com uma taça de vinho e contemplar o vale.

— E pode. Basta mudar a posição do terraço.

Durante alguns instantes, ele me observou em silêncio.

— A senhora já planejou tudo?

— Não. É por isso que estou aqui.

— Mas falou como se já tivesse tomado a decisão.

— Meu trabalho é apresentar soluções. Não sou obrigada a concordar com todas as ideias.

Ele esboçou um sorriso.

— Nesse ponto, estamos de acordo.

Eu não sabia se ele estava sendo sincero ou se simplesmente gostava de discutir. Voltei ao esboço e marquei com o lápis o limite da copa da macieira. Zbigniew se posicionou ao meu lado, perto o suficiente para que eu sentisse o cheiro de madeira e sabonete impregnado em sua

camisa, mas não tentou espiar por cima do meu ombro. Esperou que eu mesma lhe mostrasse o desenho.

Aquela pequena demonstração de discrição me agradou mais do que eu gostaria de admitir.

— A senhora tem seu próprio jardim? — perguntou inesperadamente.

— Tenho.

— Grande?

— O suficiente para encontrar todos os dias alguma coisa que precise ser melhorada.

— Então nem em casa a senhora descansa.

— Descanso, sim. Só não necessariamente ficando sentada sem fazer nada.

Ele assentiu, como se compreendesse a diferença.

Caminhamos ao longo do muro antigo. Conversamos sobre drenagem, condições das raízes e custos de restauração dos degraus de pedra. Zbigniew escutava com atenção, fazia perguntas pertinentes e, quando não sabia alguma coisa, não fingia ser especialista. Em determinado momento, tirou o paletó que havia colocado sobre o ombro e o estendeu sobre um banco úmido para que eu pudesse abrir uma planta maior.

— Vai sujar — observei.

— Dá para lavar.

— É um bom paletó.

— Seus desenhos também parecem muito bons.

Dessa vez, fui eu quem sorriu.

Voltamos para dentro quando começou a garoar. Zbigniew colocou duas canecas de chá sobre a mesa,

embora eu não tivesse pedido nada. Empurrou uma delas na minha direção e se sentou à minha frente.

— Gostaria que esse jardim estivesse pronto antes do próximo verão — disse.

— É possível, se começarmos os trabalhos de preparação do terreno ainda no outono. Mas preciso de liberdade para desenvolver o projeto.

— Claro. A senhora é a especialista em paisagismo.

Ele pegou o celular, que acabara de vibrar. Deu uma olhada na tela e respondeu rapidamente a uma mensagem.

— Acabei de confirmar com o carpinteiro a data de início da construção do terraço — acrescentou.

Coloquei a caneca sobre a mesa.

— Daquele terraço grande?

— Sim. Não quero que percamos tempo.

— Mas ainda nem decidimos onde ele vai ficar.

— Podemos resolver isso depois. O profissional precisa reservar a data na agenda.

Disse aquilo com tanta naturalidade que parecia não enxergar nenhuma contradição entre confiar a mim a elaboração do projeto e tomar decisões capazes de inviabilizá-lo.

Fechei minha pasta.

— Senhor Zbigniew, se vou ser responsável pelo jardim, preciso ter influência sobre a forma que ele terá.

Ele me examinou atentamente.

— E eu preciso me lembrar de que esta casa é minha.

Não levantou a voz. Não tentou me humilhar. Ainda assim, aquelas poucas palavras revelaram um limite que até então eu não havia percebido.

Levantei-me, pronta para encerrar a reunião com a promessa educada de enviar um orçamento preliminar.

Zbigniew também se levantou.

— Não tive a intenção de ofendê-la.

— O senhor não me ofendeu. Só precisamos saber em que condições vamos trabalhar juntos.

Ele me acompanhou até a porta. Lá fora, a chuva havia ficado mais forte, então me ofereceu um guarda-chuva que estava em um recipiente de cobre.

— Pode devolvê-lo na próxima vez.

— Ainda não combinamos uma próxima vez.

— Eu sei.

Ele me olhou com uma expressão que já não parecia ser apenas cortesia profissional.

— Mas eu gostaria que você voltasse, Bożena.

Era a primeira vez que pronunciava meu nome. Sem intimidade excessiva, com tranquilidade, como se estivesse verificando se eu permitiria aquela aproximação.

Aceitei o guarda-chuva, embora o meu estivesse no carro.

— Nesse caso, por enquanto, não corte a macieira.

— Vou tentar.

— Não. Quero que me prometa.

Durante um instante, permanecemos olhando um para o outro em silêncio.

— Eu prometo — respondeu finalmente.

Desci os degraus molhados. Ao chegar ao portão, virei-me mais uma vez. Ele continuava parado na porta aberta, com uma das mãos apoiada no batente, acompanhando minha partida com o olhar, sem qualquer constrangimento.

Dentro do carro, coloquei o guarda-chuva no banco do passageiro. A tela do celular exibia um lembrete sobre a proposta de Varsóvia, à qual eu precisava responder até o fim da semana. Naquela manhã, ainda estava convencida de que seria fácil recusá-la, desde que encontrasse um projeto que justificasse permanecer independente, trabalhando segundo minhas próprias condições.

Agora eu tinha diante de mim um jardim belíssimo, um proprietário difícil e a lembrança perturbadora da maneira como ele havia pronunciado meu nome.

Olhei para a casa, cujas janelas brilhavam com uma luz acolhedora em meio à chuva cinzenta.

Será que eu realmente seria capaz de entrar no mundo dele sem permitir que, um dia, ele fechasse a porta atrás de mim segundo as próprias regras?

Capítulo 1 - Condições que não foram colocadas no papel

O guarda-chuva de Zbigniew Ptak ficou ao lado da porta da minha casa durante três dias antes que eu decidisse que deveria devolvê-lo. Não porque me faltasse tempo. Pelo contrário, todas as manhãs eu encontrava um instante para olhar o tecido escuro e o cabo de madeira, depois me ocupava com alguma coisa que não exigisse pensar no homem que o havia emprestado.

Na segunda-feira, preparei o orçamento para a revitalização do jardim. Na terça, conversei com um fornecedor de plantas e verifiquei a disponibilidade das pedras necessárias para restaurar os degraus. Na quarta, recebi uma mensagem de Zbigniew perguntando se eu havia encontrado uma solução que permitisse preservar a macieira. Respondi de maneira objetiva, anexando um esboço com duas alternativas para o terraço. Durante uma hora, não recebi resposta. Então o celular vibrou.

A segunda opção parece razoável. Mas prefiro conversar pessoalmente, no local. E, por favor, traga o guarda-chuva antes que resolva incorporá-lo ao mobiliário do seu escritório.

Sorri para a tela, embora estivesse sozinha.

Não gostei da facilidade com que aquele homem conseguia mudar o tom de uma correspondência perfeitamente comum. Os homens que eu encontrava profissionalmente geralmente se dividiam em dois grupos: aqueles que me tratavam como especialista e aqueles que sentiam necessidade de testar meus conhecimentos o

tempo inteiro. Zbigniew aparentemente pertencia a uma terceira categoria. Sabia escutar, mas bastava uma frase para lembrar que a decisão final continuava sendo dele.

Na quinta-feira, dirigi até os arredores de Kazimierz Dolny convencida de que concluiríamos as negociações em uma hora. Na pasta, levava o projeto revisado, um orçamento detalhado da primeira etapa e um modelo de contrato. Não pretendia aceitar um trabalho no qual minha responsabilidade pelo resultado fosse maior que minha influência real sobre as decisões.

Zbigniew me esperava diante da casa. Dessa vez, vestia um suéter escuro e uma calça de trabalho bastante usada. Estava junto a uma bancada improvisada sobre cavaletes, medindo uma tábua. Quando viu meu carro, deixou a trena de lado, mas não veio imediatamente em minha direção. Primeiro, marcou cuidadosamente com um lápis o lugar onde faria o corte.

Aquele pequeno detalhe me divertiu. Eu estava acostumada com pessoas que faziam três coisas ao mesmo tempo e não executavam nenhuma direito.

— Veio trazer a sentença? — perguntou ao me cumprimentar.

— Uma proposta.

— Parece mais sério.

— Porque é.

Entreguei-lhe o guarda-chuva. Ele o examinou teatralmente, como se estivesse verificando se eu havia danificado alguma coisa.

— Inteiro. Estou impressionado.

— Se soubesse como cuido das coisas emprestadas, não ficaria surpreso.

— É justamente isso que estou tentando descobrir.

Ele levantou os olhos e, durante um breve instante, me observou com uma atenção que ia além de uma conversa sobre objetos. Não respondi. Tirei os documentos da bolsa e apontei para o terraço.

— Vamos começar pelo que pode nos custar mais caro.

Abrimos os desenhos sobre a mesa da sala. Zbigniew trouxe café, dessa vez perguntando antes se eu gostaria de tomar. Percebi a mudança, embora não pretendesse recompensá-lo por isso. Abri a planta e expliquei por que deslocar o terraço dois metros permitiria preservar a macieira e, ao mesmo tempo, ampliar a vista para o vale.

Ele escutou com os antebraços apoiados na mesa. De vez em quando, fazia uma pergunta, mas nunca me interrompia no meio de uma frase. Quando terminei, examinou por bastante tempo o desenho em corte da estrutura.

— Há um problema — disse finalmente.

— Qual?

— Não quero guarda-corpo do lado do jardim.

— Nessa altura, será necessária uma proteção. Podemos projetá-la de modo que não atrapalhe a vista.

— E se desistirmos de elevar o terraço?

— Nesse caso, teremos de resolver de outra maneira a passagem da sala para a área externa. Isso também modificará a drenagem.

— Então uma decisão leva a outra.

— Exatamente por isso fazemos o projeto antes de encomendar os materiais.

Zbigniew se recostou na cadeira. Por um instante, pareceu prestes a protestar, mas, em vez disso, assentiu.

— O carpinteiro pode esperar para começar a construção. Conversei com ele.

Não esperava que cedesse tão rapidamente.

— Ótimo.

— A senhora não parece muito entusiasmada.

— Não sabia que estava esperando aplausos.

Ele riu mais alto do que da outra vez.

— Estou começando a entender por que as pessoas recomendam seu trabalho.

— Espero que seja por causa dos jardins.

— Principalmente. Embora uma pessoa tenha me avisado que a senhora não gosta de soluções pela metade.

— Isso foi uma recomendação ou um aviso?

— Ainda não decidi.

Observei-o por alguns instantes, tentando adivinhar quanto daquela descontração era provocação deliberada. Ele tinha cinquenta e cinco anos e o rosto de um homem que já não precisava fingir ser mais jovem ou mais interessante. Os fios grisalhos nas têmporas lhe davam personalidade, assim como as rugas que apareciam quando sorria. Não era excessivamente elegante. Eu gostava de perceber que suas mãos carregavam marcas de trabalho verdadeiro.

Voltei aos documentos antes que notasse que eu o observava por tempo demais.

— Gostaria de conversar também sobre as condições da nossa colaboração.

— Estou ouvindo.

— As decisões relacionadas ao uso do jardim serão tomadas em conjunto, mas as soluções técnicas, a escolha das plantas e a distribuição dos canteiros precisam ser aprovadas antes do início dos trabalhos. Se depois o senhor decidir mudar alguma coisa, combinaremos o custo e o impacto no cronograma.

— E se eu simplesmente não gostar de alguma coisa?

— Vai me dizer. E eu prepararei uma alternativa.

— E devo acreditar que a senhora não ficará ofendida se eu escolher outra solução?

— Sou paisagista, não uma artista ofendida. A diferença é que sei justificar minhas escolhas.

Zbigniew passou um dedo pela borda da folha.

— Gostaria de ter a última palavra.

— Quando se trata do seu dinheiro e da maneira como utiliza a própria casa, naturalmente. Mas, se espera que eu assuma a responsabilidade por uma execução que não poderei acompanhar e controlar, não aceitarei o trabalho.

O silêncio se instalou entre nós. Do lado de fora da janela, o vento agitava os galhos da macieira cujo destino havia se tornado o começo das nossas divergências. Zbigniew se levantou, foi até a bancada da cozinha e serviu um copo de água. Não teve pressa para responder.

— Nos últimos anos, tomei sozinho todas as decisões aqui — disse por fim. — Nem sempre foram boas, mas pelo menos eu sabia quem culpar por elas.

— É um arranjo conveniente.

— Muito. Até o momento em que a gente começa a perceber que não consegue resolver tudo sozinho.

Ele me olhou do outro lado da sala. Já não havia brincadeira em sua voz.

— Esta casa exige mais do que eu imaginava. Principalmente o jardim. Não quero contratar alguém apenas para depois fingir que entendo do trabalho dessa pessoa.

— Então por que é tão difícil deixar que outra pessoa participe das decisões?

Ele colocou o copo sobre a bancada.

— Porque este é o meu lugar, Bożena.

Não respondi imediatamente. Ele havia pronunciado meu nome com a mesma naturalidade da nossa despedida anterior, mas dessa vez havia alguma coisa mais rígida por trás das palavras. Como se a propriedade representasse para ele não apenas um direito, mas também uma maneira de se proteger da imprevisibilidade das outras pessoas.

— Não estou tentando tirar esse lugar de você — respondi calmamente. — Quero ajudá-lo a viver aqui da maneira que precisa. Isso exige confiança.

— E a senhora confia facilmente?

A pergunta atingiu um ponto que eu não pretendia revelar a um cliente.

— No trabalho, confio nos acordos registrados por escrito.

— Resposta inteligente.

— Resposta verdadeira.

Ele voltou à mesa. Comparou o contrato com os desenhos durante alguns instantes e depois pediu uma caneta. Assinalou dois pontos referentes ao cronograma e sugeriu que incluíssemos a obrigação de consultar um ao outro antes de encomendar qualquer alteração na execução. Concordei, acrescentando uma cláusula sobre a aprovação dos custos por escrito.

Quando terminamos, senti satisfação. Não porque tivesse vencido uma discussão, mas porque, pela primeira vez, conversávamos sobre os verdadeiros limites da nossa colaboração.

Zbigniew assinou o documento, mas, antes de devolvê-lo, manteve a mão sobre a folha.

— Tenho uma condição que não está aqui.

— Sou toda ouvidos.

— Não quero um jardim que fique bonito apenas nas fotografias. Quero um lugar onde dê vontade de estar mesmo em novembro.

Ele me surpreendeu. A maioria dos clientes falava de um terraço imponente, do impacto visual da entrada da casa ou das cores que poderiam ser vistas da sala. Ele falava de uma tarde comum e fria.

— O que gostaria de fazer ali nessa época? — perguntei.

— Sentar. Escutar a chuva. Talvez tomar chá com alguém que não fique olhando para o relógio.

Disse isso sem nenhuma ênfase especial, mas seu olhar permaneceu sobre mim um pouco mais do que o necessário.

— Isso pode ser projetado — respondi.

— A companhia também?

— Não. Dessa parte você terá de cuidar sozinho.

Ele sorriu, e pela primeira vez em muito tempo senti prazer em uma conversa na qual não precisava provar meu valor nem esconder minha feminilidade atrás da segurança profissional.

Depois de assinarmos o contrato, saímos para o jardim para marcar os pontos que exigiam medições adicionais. O sol atravessou as nuvens e aqueceu as pedras molhadas. Perto do muro antigo, encontrei um pequeno grupo de plantas suculentas que havia sobrevivido apesar do abandono. Agachei-me e afastei as folhas caídas.

— Estas aqui vão ficar — anunciei.

— Dando ordens outra vez?

— Estou salvando aquilo que não precisa ser arrancado para ser salvo.

Zbigniew se agachou ao meu lado. De perto, percebi pequenas sardas claras em suas mãos e uma cicatriz fina próxima ao polegar.

— Meu pai plantava todo tipo de coisa aqui — contou. — Sem planejamento algum. Na primavera, trazia alguma planta do mercado; no outono, já havia esquecido onde a tinha colocado.

— Parece alguém que gostava de surpresas.

— Mais alguém que não conseguia passar por nenhuma planta sem querer levá-la para casa.

Havia ternura em sua voz. Não perguntei mais nada sobre o pai. Algumas lembranças merecem ser recebidas sem que se exija imediatamente sua continuação.

Quando nos levantamos, Zbigniew me ofereceu a mão para me ajudar a atravessar uma parte escorregadia do

caminho. Aceitei sem hesitar. Sua mão era seca e quente. Ele me soltou assim que recuperei o equilíbrio, mas, durante os passos seguintes, continuei consciente de que caminhava muito perto de mim.

Junto ao portão, seu celular tocou. Na tela, vi o nome do prestador de serviços que ele havia mencionado anteriormente. Zbigniew atendeu e escutou por alguns instantes, franzindo a testa.

— Não, Marek. Deixe os materiais com você. Vamos mudar a disposição do terraço. Sim, sei que já encomendou parte da madeira. Envie-me o custo do cancelamento.

Ele lançou um olhar em minha direção.

— Não. A senhora Król não vai adaptar o projeto a uma compra que já foi feita. Primeiro vamos decidir o que realmente faz sentido.

Desviei os olhos para o jardim. Não queria que percebesse quanto aquela única frase significava para mim. Ele era capaz de voltar atrás em uma decisão e assumir o custo disso. Não resolvia todas as nossas diferenças, mas demonstrava que eu não estava lidando com um homem completamente fechado às mudanças.

Depois de encerrar a ligação, Zbigniew guardou o celular.

— Isso vai me custar algumas centenas de złotys.

— Eu avisei.

— Eu sei. Por favor, não sorria com esse ar triunfante.

— Não estou sorrindo.

— Claro que não.

Ele se apoiou no portão e olhou para o meu carro.

— A senhora sempre vai embora imediatamente depois de terminar o trabalho?

— Geralmente tenho outros compromissos.

— E hoje?

Eu tinha. Três mensagens de clientes aguardavam resposta, além de um orçamento para um jardim em Nałęczów. Poderia, porém, cuidar dessas coisas mais tarde. O problema não era a falta de tempo, mas o fato de compreender perfeitamente aonde aquela conversa estava nos levando.

— Hoje também — respondi.

Ele aceitou a resposta sem demonstrar uma decepção exagerada.

— Nesse caso, até as próximas medições.

Entrei no carro, sentindo seu olhar tranquilo sobre mim. Só quando peguei a estrada em direção a Kazimierz percebi que havia deixado na casa de Ptak uma cópia de um dos esboços. Não era um documento indispensável. Eu tinha a versão digital.

Mesmo assim, pensei em voltar.

Parei diante de uma pequena loja para comprar água. No estacionamento, recebi uma ligação de minha amiga Marta, que administrava uma galeria de cerâmica em Lublin e havia anos considerava que eu me virava bem demais sozinha.

— E então, como é aquela casa enorme? — perguntou.

— Grande, antiga, muito bem localizada. O proprietário é difícil.

— Bonito?

— Marta.

— Então é.

Suspirei, observando as pessoas que passavam.

— Ele tem opinião sobre tudo.

— Você também.

— E justamente por isso pode ser um problema.

— Ou o primeiro homem interessante que aparece na sua vida em muito tempo.

Não respondi. Marta me conhecia bem demais para precisar de confirmação.

Quando desligamos, uma mensagem de Zbigniew apareceu na tela.

Encontrei seu esboço. Guardei na pasta para que não se perca. E me diga uma coisa: aquelas plantas suculentas também podem permanecer perto do novo caminho?

Respondi imediatamente, explicando que sim, desde que preparássemos adequadamente o solo. Pouco depois, acrescentei mais uma frase.

Obrigada pela conversa de hoje. Agradeço por ter reconsiderado a decisão sobre o terraço.

A resposta chegou quase imediatamente.

Eu agradeço por não ter tentado vencer a discussão a qualquer custo. Embora ache que nós dois sabemos que você venceu um pouquinho.

Fiquei por alguns instantes dentro do carro estacionado, com o celular na mão.

Depois liguei o motor.

Já sabia que o jardim de Zbigniew Ptak exigiria de mim mais do que conhecimentos sobre plantas. O que ainda não sabia era se conseguiria continuar igualmente firme diante

de um homem de quem começava a gostar justamente porque ele não era uma pessoa fácil.